

Raimundo Nonato Freitas de Cerqueira

A Bíblia é soberana

Florianópolis
Edição do Autor
2023

Prefácio

Publicada em cerca de 2.426 idiomas e dialetos, as Escrituras Sagradas têm sido o livro mais editado, lido e comercializado. Quando o povo israelita deixou o Egito e seguiu em direção à Terra Prometida, o legislador Moisés, em audiência com o Eterno, no cume do monte Sinai, recebeu duas tábuas em pedra lavrada, sobre as quais o Criador, com seu dedo, gravou o Decálogo.

Depois, a palavra divina, no formado de rolo, passou a ser produzida de forma manuscrita sobre folhas de papiro, um tipo de vegetal utilizado na escrita desde o ano de 3 mil antes de Cristo. Séculos depois, surgiu o pergaminho, em couro de animais, e este estendeu-se à Idade Média.

Usados como ferramentas de comunicação, além do papiro e do pergaminho, usava-se placas de argila, ossos, metais, pedras e, finalmente, o papel; este, descoberto por um cidadão chinês. Em 1444, surgiu a prensa tipográfica com tipos móveis metálicos, e o texto bíblico deixou de ser manuscrito para ser produzido em larga escala.

Ao longo dos anos, não somente o texto divino, mas também aqueles que levaram uma Bíblia aberta ao povo, foram duramente perseguidos, e assim jorrou o sangue de valdenses, albigenses, huguenotes, lollardos, hussitas, anabatistas, anglicanos, luteranos, congregacionais, como de outros destemidos missionários do passado.

No Brasil, especificamente, a partir de 1810, com a entrada de missionários anglicanos, congregacionais, luteranos e de segmentos outros da cristandade, a religião oficial de Estado os massacrava impiedosamente. Mas, apesar disso, a Bíblia

Sagrada continuou, continua e continuará sendo soberana em seu avanço majestoso.

Florianópolis, Santa Catarina, 22 de junho de 2023.
Raimundo Nonato Freitas de Cerqueira

Sumário

Capítulo primeiro

Mensagem manuscrita

Mensagem manuscrita em pedra lavrada, 9

Mensagem manuscrita em papiro, 14

Mensagem manuscrita em pergaminho, 17

Mensagem manuscrita em papel, 19

Mensagem manuscrita em códice, 21

Mensagem manuscrita do Mar Morto, 24

Mensagem manuscrita original, 29

Mensagem manuscrita datadas, 34

Mensagem manuscrita no idioma original, 36

Capítulo segundo

Mensagem em versões manuscritas

Mensagem em versões semíticas, 40

Mensagem em versões gregas, 42

Mensagem em versões orientais, 45

Mensagem em versões latinas, 46

Mensagem em versões inglesas, 47

Mensagem em versões portuguesas, 49

Mensagem em versões com detalhes, 52

Capítulo terceiro

Mensagem do Cânon Sagrado

Mensagem manuscrita do Cânon Sagrado, 57

Mensagem manuscrita apócrifa, 65

Capítulo quarto

Mensagem impressa

Mensagem de texto impresso, 71

Mensagem da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 74
Mensagem da Sociedade Bíblica Trinitariana, 79
Mensagem da Sociedade Bíblica Americana, 81
Mensagem da Imprensa Bíblica Brasileira, 83
Mensagem da Sociedade Bíblica do Brasil, 85
Mensagem em Braile, 89
Mensagem em detalhes, 91
Mensagem de O Dia da Bíblia, 103
Mensagem vista por terceiros, 105
Mensagem vista por Napoleão, 114
Mensagem vista por Voltaire, 118
Mensagem do Fórum Econômico Mundial, 129
Mensagem dita antes da morte, 131

Capítulo quinto

Mensagem adulterada
Pedro nunca foi papa, 138
Pedro nunca foi claviculário, 151
Pedro nunca mudou de nome, 155
Pedro nunca esteve em Roma, 159
Pedro nunca foi vigário de Cristo, 166

Capítulo sexto

Mensagem propagada
Mensagem dos valdenses, 168
Mensagem dos lollardos, 176
Mensagem dos hussitas, 182
Mensagem dos huguenotes, 193

Capítulo sétimo

Mensagem cultivada

Mensagem dos anglicanos, 206

Mensagem dos luteranos, 208

Mensagem dos congregacionais, 213

Mensagem a norte-coreanos, 220

Mensagem a chineses, 227

Mensagem a muçulmanos, 236

Referências, 242/253

Capítulo primeiro

Mensagem manuscrita

Mensagem manuscrita em pedra lavrada

Devido a uma intensa seca na terra de Canaã, nome a atual Palestina, a linhagem do patriarca Jacó, neto de Abraão, desceu ao Egito com sua prole de sessenta e seis pessoas, país no qual se encontrava seu filho José, então primeiro-ministro de um governante hicso¹ estabelecido no trono real.

Esses belicosos povos conquistam esse país africano, até que, depois de cinco séculos, foram expulsos pela Resistência Tebana, a qual reconquistou a soberania e expulsou as tropas invasoras.

Devido a esse fato, a liderança governamental egípcia passou a ver o povo hebreu, estabelecido no Egito, como uma futura ameaça à segurança nacional, assim, o então faraó Amósis I (1580-1546 a.C.) estabeleceu o regime de escravidão, o qual se estendeu por 100 anos.

Depois de permanecer 430 anos no Egito (Êxodo 12.40; Atos 7.6; Gálatas 3.17), o povo israelita, sob o comando de Moisés, deixou essa nação africana com destino à terra de seus antepassados, isso, por volta do ano 1439 ou 1445 a.C.

No terceiro mês de caminhada, os retirantes chegaram ao Deserto do Sinai, uma região bastante conhecida por Moisés, filho de Anrão, que durante

¹ Povo de origem semita que ocupou militarmente o Egito, por volta de 1800 a.C.

quarenta anos, nela, havia trabalhado como pastor de ovelhas, a serviço de seu sogro Jetro, sacerdote do povo midianita (Êxodo 3.1).

Os aproximados 100 anos de escravidão foram por demais cruéis para um povo que havia sido marcado, pelo então faraó, para ser extinto. Com o decreto imperial impondo que todo hebreu do sexo masculino, ao nascer, fosse lançado nas águas do Rio Nilo, em pouco tempo, o povo israelita seria extirpado. Isso posto, o Messias, prometido pelas Escrituras (Gênesis 3.15; Deuteronômio 18.15-18; Atos 7.37), nunca iria vir, para resgatar a humanidade condenada ao Inferno.

Após o faraó, adorado por seu povo, como o Filho do deus Hórus, recusar atender à solicitação da diplomacia israelita, que solicitava a saída do povo exilado, o Egito foi severamente sacudido por uma série de dez pragas, as quais arrasaram sua estrutura econômica primária. O bombardeio divino foi tão intenso, que até mesmo os magos, conselheiros do reino, fizeram saber, a seu senhor imperial, que o dedo do Eterno iria destruir a nação, caso o rei, tido como um ser divinizado, continuasse endurecendo seu coração.

Finalmente, foi preciso que o filho primogênito do faraó, aquele que estava sendo preparado para substituí-lo no trono, fosse ceifado pela praga que lhe tirou o fôlego de vida, para que a encarnação do deus Hórus, autorizasse o êxodo do povo que o mantinha escravizado.

Segundo egiptólogos, o soberano faraó era tido por seus súditos como um deus, porquanto essa

sociedade milenar compartilhava a crença de que o monarca era dotado de poderes sobrenaturais.

Na mitologia egípcia, Ra, o deus-sol, era aquele que concedia a energia para manter a vida terrena. Essa divindade nefasta era representada por um disco solar, símbolo do Sol. Em meio a esse panteão de adoração, o faraó era reverenciado como um ser divinizado; daí, a ação de um rosário de pragas que desabou sobre o Antigo Egito, isso, para mostrar ao soberano, à nobreza, e ao povo, que esse imperador não passava de um simples mortal de carne e osso.

Os três dias consecutivos de densas trevas sobre todo o Egito, foi a praga enviada, pelo Deus Eterno, para mostrar àquele que se considerava a encarnação do deus-sol, e que o astro-rei se encontrava fora de seu controle.

Mergulhadas no panteão da mitologia, as sociedades antigas, em grande parte, entendiam que os deuses são os verdadeiros proprietários de seus animais, de suas colheitas e de suas propriedades. De maneira que, ao enviar a praga dos primogênitos, aquela que ceifou a vida de primogênitos, tanto de humanos como de animais, o Eterno mostrou a uma sociedade manipulada pelo misticismo religioso, que não é o Sol, nem o Nilo, nem tampouco o soberano faraó, tido como uma pessoa incorporada pelo deus Hórus, o autor da vida.

Ante o bombardeio de pragas que caíram sobre a nação, e que arrasou a economia, o faraó se mostrou por demais impotente para cuidar dos bens de seu reino, da vida dos primogênitos humanos de

seus súditos, dos primogênitos de animais de seus súditos, como dos primogênitos de seus animais e de seu próprio filho primogênito.

E enquanto a nação africana, em estado de choque profundo, de mortes, de lágrimas, de fome, e de destruição generalizada abria valas para sepultar seus mortos, o povo israelita, em clima festivo, deixou a terra do cativo em direção à terra prometida a seus antepassados.

Primeiro, viu o Deus Eterno rasgar as águas o Mar Vermelho, para os retirantes atravessarem-no a pé enxuto, ao mesmo tempo que a fina flor do Exército do faraó morreria afogada em suas águas salinizadas.

Tentando ridicularizar o conteúdo bíblico, certo professor, ateu de carteirinha, dirigindo-se a seus alunos, gabava-se de que o povo israelita não atravessara o trecho do mar, mas uma lâmina de água de poucos centímetros de espessura.

Um de seus alunos, cabra arretado, que costumava ler a Bíblia Sagrada, como frequentar uma Escola Bíblica Dominical, ante tal afirmação, comemorou o pensamento de seu Professor, porquanto a lâmina de água de pouca espessura tornara o milagre ainda maior, ao afogar o poderoso exército do Hórus vivo, o Filho do deus-sol.

Com o povo israelita acampado no deserto, o Eterno convidou Moisés para uma audiência no cume do Monte Sinai. Em meio a uma densa nuvem de fogo ardente que envolveu toda a elevação geográfica, Moisés subiu em direção ao encontro com o Criador, e lá permanece durante o tempo de

quarenta dias, sem comer ou beber coisa alguma.

Nesse encontro de elevada gestão, o Legislador hebreu recebeu duas tábuas de pedra lavrada, sobre as quais o Eterno, com seu dedo, gravou o Decálogo. Também, recebeu de seu Senhor o projeto completo para a construção do tabernáculo desmontável, as leis cerimoniais, como informações pontuais para compor o Pentateuco, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento (Êxodo 24.12).

Ao descer do encontro marcante, devido ao contato com o Eterno, o rosto do legislador brilhava tanto, que, não suportando o brilho intenso, a comunidade israelita, acampada, pediu-lhe que fizesse o uso de um véu como anteparo (Êxodo 34.29-35).

Após o povo hebreu sair do Egito, onde permaneceu por 430 anos, esse período de tempo foi permitido pelo o Eterno, justamente, para que se enchesse a taça de sua ira, esta, para ser derramada sobre os povos que habitavam a região de Canaã. É que esses cananeus viviam atolados em promiscuidades sexuais.

Por ser o Egito, símbolo de escravidão, somente após os israelitas seguirem em direção a Canaã, é que esse povo israelita foi contemplado com uma Constituição e com uma Tenda para adoração. Assim, no cume do Monte Sinai teve início a mensagem escrita, a qual consta no livro denominado Bíblia Sagrada. Essa obra tem sido o veículo de comunicação, usada pelo seu Autor, o Eterno, para dirigir os passos da Criatura, que a formou com suas próprias mãos.

O primeiro formato dessa Constituição é o Decálogo, gravado em tábuas de pedra, estas, lavradas por Moisés. E no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano da saída desse povo, do Egito, a comunidade ergueu a edificação no Deserto do Sinai.

Na Arca da Aliança, instalada no Santuário, uma das três divisões do imóvel desmontável, foram depositadas as tábuas de pedra lavradas. Nesse mobiliário, o Decálogo permaneceu durante os dias do Templo de Moisés e do Templo de Salomão, até que, antes da invasão das tropas babilônicas de Nabucodonosor (586 a.C.), a Arca da Aliança desapareceu de cenário. Ou foi queimada com o templo religioso, ou encontra-se escondida em algum local, ou foi para sempre destruída.

Mensagem manuscrita em papiro

Após o tempo de três meses, não mais podendo esconder seu bebê dos agentes do faraó, Joquebede colocou seu filhinho em um pequeno cesto de junco, revestido com uma camada de barro e impermeabilizada com betume, e o deixou ser carregado pelas águas do Rio Nilo. Segundo alguns estudiosos, Moisés é o filho primogênito do casal Anrão e Joquebede, porém, estima-se que Miriã e Arão eram filhos de um posterior casamento de Anrão com outra mulher.

O junco é um tipo de arbusto que cresce nas áreas pantanosas do Nilo, o qual era utilizado para várias aplicações na economia artesanal. Também conhecido como papiro, esse vegetal se presta para

a confecção de barcos, cestos, vasilhas as mais variadas, como também para a produção de papel, elemento usado na escrita da época.

Dessa planta aquática procede o nome papiro, do qual deriva o termo papel, cuja utilização na escrita é do ano de três mil antes de Cristo. Sua casca, em tiras, é colada uma junto à outra, até formar um rolo de boa extensão.

Centro da indústria do papiro, esse método revolucionário foi pela primeira vez empregado no Egito. Essa árvore aquática tem um caule de até seis metros de altura, diâmetro de até cinco centímetros, e a forma de um guarda-chuva. Na escrita, o papiro era preparado com largura de trinta centímetros e comprimento que variava de trinta a trezentos centímetros.

A folha de papiro era constituía por tiras sobrepostas, cruzadas, coladas, prensadas, e depois polidas. A folha de papiro era somente escrita de um lado, com uma tinta amarelada. Os gregos chamavam essas folhas de biblos, daí o nome bíblia ou biblioteca.

Tido como monopólio do Estado, o papiro era produzido secretamente, isso, para se conservar os segredos de sua produção. Ao contrário do papel, cuja produção utiliza fibras de plantas esmagadas, o papiro utiliza pequenos e finos pedaços da casca da planta, os quais passam três dias consecutivos dentro de água para clarear o produto.

Os pedaços, primeiramente, eram colocados sobre uma toalha de linho, na posição horizontal, e depois na vertical. Em seguida, a folha

de papiro era colocada ao Sol, para a devida secagem do produto industrializado.

Considerado sagrado pelos antigos povos egípcios, o papiro, ou *cyperus papyrus*, é uma planta aquática da mesma família da tiririca, ou *cyperus rotundus*. Composta de finas hastes verdes, sua flor lembra os raios do Sol. Abundante no Delta do Nilo, o miolo do talo foi utilizado na produção do papiro para a escrita, e sua casca, por ser bem resistente, era empregada na produção de cestos, camas e barcos. O miolo esbranquiçado e poroso era cortado em lâminas finas. E depois de secas ao Sol, as lâminas eram mergulhadas, em água com vinagre, durante sete dias, para se eliminar o açúcar. Novamente colocadas ao Sol para secar, eram postas em fileiras horizontais e verticais, sobrepostas umas às outras.

Assim distribuídas, as lâminas eram posicionadas entre dois tecidos de algodão, formando um sanduíche, quando então eram prensadas durante sete dias. Finalmente, as finas lâminas prensadas ganhavam forma homogênea para a produção do papiro. Após sua produção, cada uma das extremidades do produto era afixada a um rolo torneado, de madeira ou de marfim, e assim, a folha ficava acabada para a escrita.

Depois de pronto, a folha de papiro recebia uma camada de polimento com óleo. Por ser um produto poroso, costuma-se raspar a tinta sobre a folha do papiro, e assim o rolo podia ser reutilizado. Esse processo de reciclagem recebeu o nome de palimpsesto. Os arqueólogos fizeram bastante uso de rolos de papiro que encontraram em túmulos de

nobres e de soberanos egípcios, os quais se prestaram para decifrar dados históricos do Antigo Egito.

O mais antigo rolo de papiro, de 2.200 a.C., encontra-se no Museu Britânico. Esse tipo de tecnologia era largamente usado por antigos egípcios, gregos e romanos, e chegou até aos primeiros séculos da Era Cristã. Em 1965, o segredo da fabricação do papiro é redescoberto por um cientista egípcio. Com a utilização desse método literário revolucionário, o texto bíblico passou a ser produzido em rolos de papiro.

Mensagem manuscrita em pergaminho

O pergaminho, produto de origem animal, tornou-se conhecido no ano de 2.000 antes de Cristo, mas somente no penúltimo século dessa era, é que o produto revolucionário apareceu na forma de lâminas mais delgadas e acabadas, e sua utilização estendeu até a Idade Média. A exemplo do papiro, o pergaminho era também reciclado.

Do grego pergaméne, o pergaminho era produzido com pele de cabra, carneiro, cordeiro ou ovelha. Os mosteiros, como centros de cultura da antiguidade, possuem bibliotecas com obras literárias confeccionadas em pergaminhos, manuscritos usados por monges eruditos para reproduzir textos clássicos de culturas antigas

Os pergaminhos, produzidos em couro curtido e devidamente polidos, apresentavam melhor acabamento e maior durabilidade. Até nossos dias, para manter a tradição, as sinagogas

judaicas costumam conservar rolos de pergaminhos da Bíblia Hebraica.

A cidade de Pérgamo era a capital da província da Ásia Menor nos dias do rei Eumenes II (197-159 a.C.). E desejoso de se tornar ainda mais famoso, o monarca planejou construir uma biblioteca ainda mais esplêndida que a Biblioteca de Alexandria. Então, para frustrar os planos do monarca asiático, o soberano do reino egípcio dos Ptolomeus, mandou suspender a exportação do papiro. E uma vez privado do produto, o monarca lançou mão de um novo material para revolucionar o mercado literário, ao produzir o pergaminho para a escrita.

Entre os antigos israelitas, quando se tratava de documentos de propriedade, costuma-se colar selos ao longo do rolo do pergaminho lacrado. Então, ao se abrir o primeiro selo, podia-se avistar a parte do registro, e assim se procedia sucessivamente até se chegar ao último selo ao longo do rolo. Essa escritura de propriedade era lavrada em duas vias, sendo uma aberta e a outra selada. A cópia da escritura lacrada fica com o proprietário do imóvel, o qual, em caso de dúvida, tinha autoridade de retirar os selos, e assim poder comprovar a autenticidade da propriedade.

Para a preservação dos textos sagrados, os antigos escribas judaicos exerciam cuidado redobrado: o pergaminho era obrigado a ser produzido com pele de animais não imundos (Levíticos 11); o escriba não podia escrever uma única palavra de memória; tinha que pronunciar bem

alto a palavra antes de escrevê-la; a pena usada era sempre limpa antes de se escrever o nome Deus; cada letra e cada palavra era revisada, porquanto um erro inutilizava a folha, e a cada três erros numa folha inutilizava-se o rolo.

Um hábil escriba levava o tempo de doze anos de trabalhos para copiar a Bíblia em um rolo de pergaminho que consumia o couro de quinhentos cordeiros.

Até antes da invenção da Prensa de Gutemberg, os livros eram uma produção cara, demorada e trabalhosa. De maneira que, somente reis, nobres e sacerdotes, por saberem ler, escrever, e por disporem de bastantes recursos financeiros, podem manter uma boa biblioteca.

Mensagem manuscrita em papel

Além do papiro e do pergaminho, os povos antigos, também, faziam uso de placas de argila, ossos, metais, pedras, e, finalmente, do papel, os quais eram usados como ferramentas para a escrita, pintura e desenhos.

Com a descoberta do papel, pelo chinês T'sai Lun, no ano de 105 da Era Cristã, esses tipos de materiais continuaram sendo utilizados; e somente desapareceram quando o monopólio chinês cruzou as fronteiras do império. Esse oriental, inicialmente, usava redes de pesca e trapos de tecidos para chegar ao sucesso de seu invento literário. Somente depois, é que o inventor passou a utilizar fibras vegetais como matéria-prima para a fabricação de seu produto literário.

Os chineses mantiveram o monopólio do papel dentro de suas fronteiras, por vários séculos, até que, quando o Império Islâmico, em seu avanço expansionista, capturou alguns territórios chineses, quebrou o monopólio do produto revolucionário.

Com isso, o papel passou a ser produzido em Bagdá, a capital do reino islâmico, em 795. Logo, o produto passou a ser consumido pelo mercado árabe, que se estendia pelo norte da África e da Península Ibérica.

A holandesa foi o nome de uma máquina que a Holanda inventou para a fabricação do papel, a partir de trapos de tecidos, os quais eram transformados em fibras. A partir de 1719, com o francês Réaumur, a madeira voltou novamente a ser utilizada como fonte de fibras da indústria papelreira. Até o final desse século, o papel branco era produzido, exclusivamente, a partir de trapos brancos, mas, a partir de 1821 surgiu a tecnologia papelreira de nossos dias.

A escrita é o meio de comunicação que processa o registro de caracteres usados para a formação de palavras e de construções de linguagem. Caneta e papel constituem os utensílios mais históricos da escrita, a qual, supõe-se, tem sua origem a partir de desenhos de ideogramas.

O método cuneiforme da antiga Mesopotâmia tem sido o mais antigo sistema de escrita. Por muitos séculos, a escrita e sua interpretação ficaram monopolizadas pelas camadas sociais dominantes. Rótulos, listas de plantas, animais, deuses e reis são os mais antigos

documentos que sobreviveram à passagem de antigas civilizações, os quais se prestaram para a conservação de registros históricos.

Tanto o linho, como o óstracon², a madeira, a pedra e a tábua recoberta com cera, foram ferramentas utilizadas para a escrita. A tinta empregada vinha da mistura de carvão em pó com uma substância líquida assemelhada à goma arábica, elementos largamente usados para produzir a tinta da antiga escrita. Os escribas faziam uso de penas de aves, pincéis finos e caneta de madeira porosa e absorvente para escrever seus textos sobre papiro e pergaminho; e, para escrever sobre tábua recoberta com camada de cera, utilizam um estilete metálico.

Mensagem manuscrita em códice

O primeiro texto bíblico foi gravado em pedra lavrada, vindo depois o papiro, o pergaminho, a Prensa de Gutemberg e, posteriormente, o sistema informatizado, o novo sistema revolucionário dos meios de comunicação.

Os antigos manuscritos do texto sagrado existiam na forma de códices e de rolos. Em nossos dias, datados dos séculos dois e dezesseis da Era Cristã, existem cerca de quatro mil manuscritos. O rolo era enrolado da direita para a esquerda, e sua extensão dependia do tamanho do texto a ser copiado; enquanto o manuscrito recebeu a forma gráfica uncial e cursiva a partir do século quarto.

A caligrafia uncial utiliza letras maiúsculas e sem pontuação entre as palavras do texto, enquanto

² Caco de pote ou de cerâmica.

a forma cursiva faz uso de letras minúsculas e separação de palavras.

A Grande Sinagoga, presidida por Esdras, o versado escriba judaico, no sétimo ano do imperador persa, Artaxerxes (Esdras 7.7), teve o cuidado de preservar os manuscritos originais da Bíblia Hebraica.

O manuscrito em código tem o formato de um livro, confeccionado em pergaminho, cujas folhas têm sessenta e cinco centímetros de altura por cinquenta e cinco centímetros de largura, começou a ser usado no II Século d.C.

Vários manuscritos em códigos foram encontrados posteriormente. O Código de Isaías, escrito no ano de cem antes de Cristo, foi encontrado em 1947, em uma região próxima ao Mar Morto (1947).

O Código Vaticano ou B foi copiado em 325. Ele é uma cópia da Septuaginta, e contém os livros apócrifos em separado. Esse trabalho literário pertence à Biblioteca do Vaticano. É um código uncial.

O Código Sinaítico ou Alefe, data de 325, e foi descoberto pelo erudito cristão Tischendorf no mosteiro de Santa Catarina, edificado ao sopé do monte Sinai. Essa obra literária foi adquirida pelo czar russo, em 1889, mas, nos dias da então União Soviética, o Governo britânico, em 1933, o adquiriu por cem mil libras esterlinas, um dos textos mais caros de que se tem notícia. É um código uncial.

O Código Alexandrino ou A pertencia à Biblioteca de Alexandria. Tempos depois, em 1621,

o texto foi levado a Constantinopla por Cirilo Lúcar, então patriarca alexandrino. Posteriormente, em 1624, Cirilo o presenteou ao rei britânico Jaime I. No ano de 1757, o rei Jorge II o doou a Biblioteca da família real. Finalmente, o Códice uncial se tornou propriedade do Museu Britânico.

O Códice Afraemi ou C é um texto uncial palimpsesto do ano de 450, o qual contém o Novo e o Antigo Testamentos, porém, incompletos, e pertence ao Museu do Louvre, em Paris, na França.

O Códice Bezae ou D é um manuscrito uncial produzido no século sexto e contém os livros dos quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos e parte das Epístolas. O texto encontra-se na Biblioteca da Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

O Códice Claromontanus ou D2 é um manuscrito uncial do Século VI, contém as Epístolas paulinas, e pertence ao Museu do Louvre, em Paris.

O Códice dos Primeiros e Últimos Profetas foi escrito na cidade israelita de Tiberíades, em 895 da Era Cristã, pelo erudito judeu Moses ben Asher, documento encontrado na Sinagoga Caraíta do Cairo, no Egito. O Caraíta é um movimento religioso judaico não ligado ao rabinato, e apegado à transmissão e interpretação exata do texto bíblico.

O Códice Pentateuco foi encontrado por Arão, filho de Moses ben Asher, por volta do ano de 900, e pertence ao Museu Britânico. Ele contém os primeiros cinco livros escritos por Moisés.

O Códice Petropolitano foi escrito em 916, e contém os livros denominados Últimos Profetas. Ele encontra-se na Criméia, de onde foi transferido

para a Biblioteca de Petrogrado, nome da antiga cidade de Leningrado, na Rússia.

O Códice 19A é o mais antigo manuscrito bíblico, completo. Ele é uma obra de Moses ben Asher, em 1010. Nessa data, no Cairo, seu texto foi copiado pelo erudito judeu Samuel ben Jacob. Anos depois, o governo russo do czar adquiriu o texto original de Asher, e este se encontra na Biblioteca de Petrogrado. Constantin von Tischendorf, em 1844, tornou-se o primeiro personagem a descobrir antigos textos manuscritos bíblicos.

Mensagem manuscrita do Mar Morto

Durante o verão do ano de 1947, o pastor beduíno Muhammad ad Dib, membro da tribo Ta'amireh, com acampamento estabelecido nas proximidades do Mar Morto, procurava uma cabra desgarrada nas ravinas rochosas da região, momento em que se deparou com uma série de manuscritos bíblicos, em uma das muitas cavernas de Qumram.

Na tentativa de localizar o animal, ao jogar uma pedra em uma caverna, ouviu o ruído de cerâmica quebrada. Foi assim que o beduíno encontrou 12 manuscritos e centenas de fragmentos de textos, todos, mantidos dentro de cântaros de barro.

Revistando diversas cavernas da encosta rochosa, outros manuscritos foram encontrados. Os textos foram escritos em papiro e em pergaminho, e envoltos em tecidos de linho.

Segundo os pesquisadores, os manuscritos foram ali guardados pelos essênios, um movimento

religioso ascético judaico que enfrentou com ferocidade os invasores romanos, nos anos de 66 e de 132 depois de Cristo. Esses religiosos se desligaram dos fariseus, ao contemplarem que esses religiosos viviam em um mar de corrupção, e foi assim que se estabeleceram em regiões desérticas comunitárias.

Foram encontrados cerca de 332 manuscritos em 267 cavernas da região montanhosa, inclusive, cartas do líder revolucionário, Simão bar Kochba, a seus comandantes de tropas, em perfeito estado de conservação, e tendo bem legível sua assinatura. Bar Kochba foi o famoso guerreiro judeu que combateu os romanos do general Tito Vespasiano, na guerra de 66-70 da Era Cristã.

Nesses textos bíblicos existem trechos de todos os livros da Bíblia Hebraica, exceção para o livro de Ester, a judia que tornou rainha nos dias do Império Persa.

O surgimento desses manuscritos lançou por terra a crítica negativa aos textos hebraicos. Segundo essa crítica, supunha-se a não existência de obras literárias tão antigas. Esses achados colocaram nas mãos do mundo erudito um imenso tesouro antigo.

Os textos datam, conforme pesquisadores, do período entre o fim do Terceiro Século antes de Cristo e os primeiros anos da Era Cristã. Eles revelam as várias formas do texto transmitido no Egito, Israel e Babilônia, como também, que o padrão do texto bíblico da época do rabino Akiva Ben Joseph, um dos líderes revolucionários de Simão bar Kochba, não é um texto produzido em sua